

SÔNIA MARIA CARVALHO

Educação do Campo no Ensino Médio:
O reconhecimento do espaço agrário nas aulas de Geografia

Tijucas do Sul

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

Educação do Campo no Ensino Médio:

O reconhecimento do espaço agrário nas aulas de Geografia

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção da certificação do Curso de especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ângela Massumi Katuta.

Tijucas do Sul

2014

Educação do Campo no Ensino Médio: o reconhecimento do espaço agrário nas aulas de Geografia

Sônia Maria Carvalho¹

Angela Massumi Katuta (Orientadora)²

Universidade Federal do Paraná

Resumo

Este artigo tem como objetivo trabalhar o conteúdo “As atividades agrárias” na disciplina de Geografia, no 2^o. ano do Ensino Médio. A fim de contemplar a Legislação vigente através da aplicação das Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) da Educação do Campo na Disciplina de Geografia, com o intuito de que os educandos identifiquem a agricultura praticada por suas famílias no município de Tijucas do Sul, para que compreendam o espaço no qual estão inseridos, considerando a realidade vivida. Fazemos inicialmente a contextualização da Disciplina de Geografia e da Educação do Campo, em seguida, apresentamos os objetivos, a revisão de literatura e a metodologia utilizada no trabalho. No desenvolvimento (resultados e discussão) apresentamos o processo de intervenção em sala de aula. Concluimos que a intervenção realizada demonstrou que o ensino de Geografia tem condições de atender as necessidades dos educandos do campo, pois o trabalho desenvolvido dialogicamente auxilia o educando a compreender a sua realidade.

Palavras-chave: Escola do Campo; Agricultura Familiar; Geografia.

1 INTRODUÇÃO

A Educação voltada para a realidade do educando cada vez mais se torna indispensável para desenvolver a aprendizagem em uma escola, e, não seria diferente para uma escola do campo, a qual deve ser fruto do próprio sujeito desse espaço. A disciplina de Geografia pode contribuir com a educação do campo pela especificidade de contextualizar os processos e fenômenos no espaço no qual o educando está inserido.

O espaço vivido do educando deve ser trabalhado para que se crie um

¹ Professora da Disciplina de Geografia no Colégio Estadual do Campo de Lagoa em Tijucas do Sul/PR. e-mail: ms_sonia07@hotmail.com

² Educadora da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. e-mail: angela.katuta@gmail.com

vínculo existencial entre ciência e cotidiano. São os elementos do cotidiano que devem ser inseridos no processo de aprendizagem dos educandos, de modo que haja uma interação dialética entre a geografia na sala de aula e a realidade dos mesmos. No texto das Diretrizes Curriculares Estaduais da Disciplina de Geografia, temos:

Entende-se que, para a formação de um aluno consciente das relações socioespaciais de seu tempo, o ensino de Geografia deve assumir o quadro conceitual das abordagens críticas dessa disciplina, que propõem a análise dos conflitos e contradições sociais, econômicas, culturais e políticas, constitutivas de um determinado espaço. (PARANÁ, 2008, p.53-54)

Este trabalho é um relato de ações implementadas em sala de aula, a partir do conteúdo “As atividades agrárias”, no 2º. Ano do Ensino Médio na disciplina de Geografia, do Colégio Estadual do Campo de Lagoa em Tijucas do Sul/PR. Para desenvolver esse conteúdo os objetivos delineados foram contemplar a Legislação vigente, através das Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) da Educação do Campo, bem como as DCE da Disciplina de Geografia, com os conteúdos estruturantes da dimensão cultural, demográfica, econômica e socioambiental do Espaço Geográfico, com o intuito de que os educandos identificassem a agricultura praticada por suas famílias no município de Tijucas do Sul, para que compreendessem o espaço o qual estão inseridos, considerando a realidade vivida, a escola que são atendidos e o porque da mesma ser uma escola do campo.

O Colégio Estadual do Campo de Lagoa atende o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e o Ensino Médio. Está localizado no meio rural, na localidade denominada de Lagoa, e, sua clientela vem de diversos bairros do município, também do meio rural. A denominação “do Campo”, acrescido ao nome do colégio, aconteceu em meados do ano letivo de 2013, depois do caminho percorrido, em nível estadual, o qual será sintetizado na revisão de literatura.

A organização dos conteúdos específicos para se chegar ao conteúdo básico proposto deu-se a partir do local, da perspectiva dos educandos, do que vivenciam para construir conceitos por meio dos quais eles pudessem compreender a sua realidade.

Para estudar o local, tomamos o conceito de lugar adotado pelas DCE:

Nestas Diretrizes, adota-se o conceito de lugar, desenvolvido pela vertente crítica da Geografia, porque por um lado é o espaço onde o particular, o histórico, o cultural e a identidade permanecem presentes, revelando especificidades, subjetividades e racionalidades. (PARANÁ, 2008, p.61)

Quando desenvolvemos as aulas de Geografia de modo a despertar nos educandos o interesse de comparar, desvendar ou elaborar novas indagações sobre o mundo, entende-se que “[...] o lugar é o ponto de encontro de interesses longínquos e próximos, locais e globais.” (SANTOS, 1994, p. 19). “A abordagem dos conteúdos específicos torna-se mais significativa quando se estabelece relações entre o que é estudado e o que faz parte do lugar onde o educando está inserido.” (PARANÁ, 2008, p.62).

Nesta perspectiva, a intervenção realizada é uma tentativa de contribuir para o conhecimento da realidade, para a partir daí o educando estabelecer relações com o todo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao buscarmos na história o ensino da Geografia e a Educação do Campo, iremos perceber o caminho longo que a Geografia percorreu para ter as características que tem hoje, assim como a educação no meio rural. Segundo o professor Vesentini, a Geografia Crítica:

Consiste numa Geografia escolar ligada a realidade do educando, onde este sinta que, através desse estudo, passou a refletir e compreender melhor o mundo em que vive – desde a escala planetária até a nacional e a local -, podendo então se posicionar conscientemente frente a essa realidade histórica com suas contradições, conflitos e mudanças. (VESENTINI, 1987, p.89)

A Educação do Campo percorreu um longo caminho, focado no objetivo de ser construída pelos sujeitos que nele habitam, pois nasceu de lutas oriundas dos movimentos sociais do campo, esquecidos pelas primeiras Legislações Brasileiras. Atualmente, temos marcos legais desenhados no diálogo com os movimentos sociais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9394/96, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, e, neste estado, reforçada com as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo do Paraná. As quais legislam sobre a Educação do Campo.

No ano de 2006, fruto da articulação entre o estado do Paraná, professores da rede pública e representantes de movimentos sociais de base política, foram publicadas as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo. Seu texto, conectado às Diretrizes Nacionais, reformula a concepção de campo para além do perímetro rural:

[...] essa compreensão de campo vai além de uma definição jurídica. Configura um conceito político ao considerar as particularidades dos sujeitos e não apenas sua localização espacial e geográfica. A perspectiva da educação do campo se articula a um projeto político e econômico de desenvolvimento local e sustentável, a partir da perspectiva dos interesses dos povos que nele vivem (PARANÁ, 2006, p. 22).

No Paraná, a definição de espaço rural se dá também aos municípios cuja população total é de até 20 mil habitantes e a densidade demográfica inferior a 80 hab./Km² (PARANÁ, 2010). No município de Tijucas do Sul, temos 21,63 hab/km², ou seja, um total de 14.537 habitantes em uma área de 672,2 km² (IBGE, Censo Demográfico 2010), considerando a referida definição, configura-se como espaço rural.

O Departamento da Diversidade em 2009, em discussão, junto aos Núcleos Regionais de Educação, chefe do Departamento da Diversidade e membros da Coordenação da Educação do Campo, e representantes de Instituições de Ensino Superior estabeleceu que a Escola do Campo é aquela que se localiza nos perímetro rural e nos distritos dos municípios e recebem sujeitos oriundos do campo.

A Educação do Campo para a autora Roseli Salette Caldart:

Assume sua particularidade, que é o vínculo com sujeitos sociais concretos, mas sem se desligar da universidade: antes (durante e depois) de tudo ela é educação, formação de seres humanos. Ou seja, a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, ou mais amplamente da classe trabalhadora do campo, e de suas lutas. E, sobretudo, trata de construir uma educação do povo do campo e não apenas com ele, nem muito menos para ele. (CALDART, 2008, p.24)

Nesta concepção a escola não pode ser apenas uma instituição que reproduz as relações sociais e valores dominantes. Pontuando a escola do campo a autora Caldart, define:

Uma escola do Campo não é afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito. (CALDART, 2005, p.110).

A disciplina de geografia tem a possibilidade de trabalhar os conteúdos reconhecendo e valorizando a realidade dos sujeitos do campo, de modo que eles fortaleçam e afluam através do diálogo os seus saberes e a sua cultura. Para o autor Paulo Freire:

Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. (FREIRE, 1987, p. 83).

Sobre o diálogo, o autor Gadotti pontua:

“[...] o diálogo é, portanto, uma exigência existencial, que possibilita a comunicação e permite ultrapassar o imediatamente vivido. Ultrapassando suas “situações-limites”, o educando chega a uma visão totalizante do programa, dos temas geradores, da apreensão das contradições até a última etapa do desenvolvimento de cada estudo.” (GADOTTI, 1996, p. 86).

A disciplina de Geografia demonstra-se importante para a Educação do Campo por sua potencialidade de desenvolver uma ligação com o espaço produzido pelo povo do campo através do diálogo, o qual contribui para o aprendizado dos educandos, por ser a Geografia uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível a partir do reconhecimento da realidade vivida.

3 O CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Nessa intervenção utilizou-se a abordagem qualitativa, para buscar compreender os fundamentos teórico-metodológicos que orientam a prática da educação do campo e o ensino de Geografia. A adoção do conceito de pesquisa qualitativa visa “[...]enfatizar a questão dos significados, já que trabalha com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetivada” (MINAYO, 2003, p. 24).

A intervenção foi desenvolvida na primeira metade do primeiro trimestre do ano letivo de 2014 no Colégio Estadual do Campo de Lagoa em Tijucas do Sul, com 70 educandos do 2º. ano do Ensino Médio, turmas do período da manhã (2º. ano A com 22 educandos e 2º. ano B com 30 educandos) e da noite (2º. ano C com 18), nas aulas de Geografia, com duas horas aulas semanais. Foram selecionas essas séries pela especificidade da grade curricular das mesmas, ou seja, pelo conteúdo indicado: “As atividades agrárias”. Não trabalhamos com os educandos sobre a legislação que levou essa escola ser denominada como Escola do Campo, apenas sensibilizamos os mesmos para esta realidade.

Nos próximos parágrafos abordamos os resultados do trabalho. Com o objetivo de não identificar os estudantes, nos referimos aos mesmos como

“educandos” sem identificação de gênero, e atribuindo também um número, que não é o mesmo da chamada do Livro Registro de Classe, dessa forma, o anonimato dos sujeitos do Colégio Estadual do Campo de Lagoa será preservado, identificamos apenas as turmas aos quais pertencem (2º ano A, 2º. ano B e 2º. ano C).

O trabalho foi iniciado com aula expositiva e dialógica, foi exposto e discutido o conteúdo básico da disciplina de Geografia para esta série, intitulado “As atividades agrárias”. Tratamos da importância da agricultura para a humanidade, demonstramos a sua transformação ao longo da história. Abordamos os conteúdos específicos: a agricultura como fonte de alimentos; a representatividade no meio rural; a agricultura como fonte de matérias-primas; o suprimento para a indústria; causas da fome no mundo e o peso da agricultura nessa problemática relacionado com a produção, armazenamento e comércio de produtos agrícolas; características da agricultura nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos; a importância da agricultura local e mundial; a posse da terra no Brasil; as relações de trabalho no campo. Para essas aulas foram produzidos pela professora slides apresentando os conceitos e imagens relacionadas ao conteúdo.

Como resultado deste primeiro diálogo os alunos produziram um texto abordando a importância da agricultura para a humanidade e os problemas enfrentados com essa atividade. O texto do educando número 13, do 2º. ano A, do período da manhã, fala da importância da agricultura como fonte de alimentos e de matéria-prima para as indústrias, trata também das dificuldades enfrentadas pelo agricultor, dentre elas, o preço do alimento:

A agricultura é importante para todos os seres humanos, pois ela produz nosso alimento do dia-a-dia e é dela que vem grande parte da matéria-prima para a indústria. Na agricultura temos a produção de alimentos que vão direto para o consumidor, ou enviados para as indústrias para serem beneficiados, embalados e após repassados ao comércio, para os supermercados.

Muitas famílias não tem acesso a esses alimentos devido a vários fatores, que se inicia pela falta de trabalho, daí sem salário não terão dinheiro para comprar alimento. Também pelo encarecimento dos alimentos que acontecem pelas perdas que o agricultor tem na lavoura, ou para transportar, ou pelos atravessadores que ganham muito em cima do agricultor. Ainda o preço do alimento pode ficar caro, devido aos impostos pagos tanto pelo agricultor para ele cultivar, como para o comerciante que paga muito imposto para ter o produto para vender [...]. (educando nº. 13, 2º. ano A)

Percebemos que o educando conseguiu relacionar os conteúdos dialogados em sala com questões de seu conhecimento do dia a dia, as quais relatou no texto de sua produção.

O texto do educando número 5, do 2º. ano B do período da manhã, chama atenção para o desperdício de alimentos relacionando-o à fome:

Hoje no Brasil, a atividade agropecuária está em toda parte, assim como o desperdício. Existe uma enorme produção de alimentos através da agricultura, mas em compensação existe uma péssima distribuição de desse alimento, fazendo com que a fome e o desperdício andem lado a lado. A grande exigência dos consumidores, faz com que determinado produto seja descartado devido sua aparência, essa aparência às vezes não é bonita devido aos defensivos agrícolas aplicados, ou teve problemas no armazenamento, no transporte, ou até mesmo na prateleira do supermercado. E nesse exemplo, o comerciante ou o agricultor para cortar custos prefere jogar esses produtos ao invés de doar, mesmo que alguns possam ser consumidos. Tudo isso acarreta um grande problema, altos índices de desperdício junto com altos índices de fome no mundo, uma provável solução para esse problema, seria uma melhor distribuição desse alimento [...]. (educando nº. 5, 2º. Ano B)

Verificamos que grande parte dos textos produzidos pelos educandos traziam a preocupação com a fome no mundo, indicando a má distribuição dos alimentos, perceberam problemas tanto na produção, quanto no armazenamento, no transporte e no comércio dos alimentos. Os textos produzidos foram diversos, por meio deles os educandos encontraram várias maneiras de sinalizar a importância da agricultura para a humanidade.

Nas aulas seguintes, os conteúdos expostos e dialogados com os educandos foram a agricultura familiar e o agronegócio. Foi utilizado um texto, o qual foi produzido pela professora da disciplina. A discussão se desenvolveu partindo do conceito de agricultura familiar e agronegócio, as características, a importância para as famílias, para o comércio. Também foi abordado o ciclo do agronegócio, os principais produtos e a questão ambiental. Em meio às explicações, realizamos um levantamento oral sobre o que as famílias dos educandos produzem, alguns produtos da agricultura citados foram: milho, feijão, batata salsa, batata, morango, cogumelo, entre outros.

Prosseguimos com uma atividade, a qual se desenvolveu através da resolução de questões de interpretação de texto e sobre questões levantadas no próprio diálogo, as quais trataram dos próprios conceitos de agricultura familiar e do agronegócio; sobre as plantações e as formas de trabalho no campo que os educandos já observavam na região; foram abordadas também questões

relacionadas aos desafios da prática da agricultura e o cuidado com o meio ambiente. Após solicitamos e orientamos uma pesquisa sobre a produção agrícola para que os educandos realizassem junto às suas famílias, considerando-a nas dimensões cultural, demográfica e socioambiental, indicadas pelas Diretrizes Curriculares de Geografia do estado.

Na semana destinada à pesquisa de campo, seguimos trabalhando em sala de aula com os conteúdos sobre a monocultura. Para esse diálogo utilizamos um texto da Cartilha da Comissão Pastoral da Terra, intitulado “Impactos do monocultivo de cana no Brasil”. Com ele conseguimos ir além do trato apenas da cana de açúcar, discutimos sobre vários tipos de monocultivo, tais como: da soja, do milho, do algodão, entre outros. Deixamos claro que a monocultura tem grande impacto socioambiental, uma vez que é feita de maneira extensiva com um único vegetal. Além de esgotar determinados nutrientes do solo com o tempo, reduz a biodiversidade, causando devastação ambiental. Do ponto de vista social, as desvantagens são grandes, pois a expulsão da população rural causa desemprego e reduz a produção de alimentos, que é predominantemente realizada por pequenos e médios agricultores. O texto trabalhado chama atenção que esses elementos têm se intensificado nos últimos anos, com o processo de investimento governamental nesse tipo de cultura. A União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica) estima que cerca de 70% da cana colhida nesta safra foi utilizada para a produção de etanol e 33% para a produção de açúcar. E ainda, a previsão é que, até 2025, o país tenha 615 usinas de etanol. Essa expansão está sendo aquecida pelo Programa Nacional de Biocombustíveis, com grandes subsídios por parte do governo.

O texto nos auxiliou para percebermos que os monocultivos são responsáveis em grande parte pela destruição do meio ambiente e conseqüentemente da biodiversidade, isto acontece em todo seu processo produtivo, desde o plantio até a colheita. Também percebemos a necessidade da Reforma Agrária, pois no nosso país há muita concentração de renda e terra, além de possuir um alto índice de pobreza e fome.

No fechamento da discussão sobre a monocultura, os educandos produziram um segundo texto trazendo o que estudamos sobre agricultura familiar e agronegócio para o debate com a monocultura. A seguir transcrevemos parte do texto do educando número 1, do 2º. ano B, intitulado “A agricultura e suas diferenças”:

Em Tijucas do Sul, um município pequeno, imaginamos um lugar que tem pouca variedade de alimentos cultivados, mas não é bem assim que ocorre, as pessoas procuram plantar com uma imensa variedade, pois fica mais fácil de cultivar e também se alimentar com que tem e por isso torna-se mais fácil cuidar da natureza. Diferente dos grandes agricultores que procuram plantar só um tipo de cultura para obter uma quantidade maior de lucro, mas as vezes o que ele planta não terá o destino da alimentação. O exemplo são as plantações de cana-de-açúcar que geralmente plantam para a produção de etanol, trazendo uma poluição maior, em comparação a produção de açúcar, só que a diferença na poluição não está na agricultura, mas na fabricação de cada um.

A diferença entre monocultura e policultura, não está só na quantidade e variedade, mas está no plantio, preparação da terra, irrigação e até na fertilização, principalmente se a produção tiver uma grande diferença em termos de produtividade.

Em Tijucas do Sul existem produtores de monoculturas, mas é muito pouco em comparação as policulturas, pois geralmente os agricultores têm uma pequena propriedade e não conseguiriam se sustentar com o cultivo de um só tipo de alimento. (Educando nº. 1, 2º. ano B)

A produção de texto transcrita demonstra o reconhecimento do educando da realidade onde vive, primeiramente ele declara que imaginava que existia pouca produção agrícola no município, segue falando que a variedade da produção beneficia o meio ambiente e depois justifica a policultura nas pequenas propriedades rurais.

O educando número 6, do 2º. B, na sua produção de texto relatou a forma que sua família cultiva e desenvolveu seu ponto de vista com relação ao uso de agrotóxicos em maior ou menor quantidade:

Nos produtos que meu pai cultiva, em especial o feijão não é usado agrotóxicos. Para melhor desempenho da produção, utilizamos em pequenas quantidades fertilizantes como o adubo e a ureia.

Comparando com a cana-de-açúcar, podemos considerar parcialmente orgânico. No solo, ao invés de agrotóxicos na preparação é usado o composto de cogumelo, o que tem o mesmo resultado de produtos químicos.

Portanto, do jeito mais natural possível, o cultivo, traz benefícios para a saúde, o que devemos procurar é nos conscientizar do que ingerimos, assim a agricultura terá melhor desempenho, terá a preservação do meio ambiente e também será melhor para nossa saúde. (Educando nº. 6, 2º. ano B)

O uso de agrotóxicos aparece na transcrição deste texto, percebemos que o educando acredita que utilizando em pequenas quantidades o adubo e a ureia não irão causar malefícios. Também considera que o adubo orgânico traz bons resultados tanto quanto o adubo químico. E reforça que plantando de um jeito mais natural possível teremos mais benefícios, relacionados à saúde e ao meio ambiente.

Para finalizar a intervenção aconteceu a exposição da produção agrícola das famílias dos educandos (para esta foi solicitado que os mesmos trouxessem, pelo

menos, um dos produtos que as famílias cultivassem para uma exposição em sala de aula). Além disso, foi apresentado o questionário de uma pesquisa junto aos pais agricultores. O objetivo dessas atividades finais foi compreender e reconhecer a realidade local, apresentando o resultado do que os educandos descobriram junto às suas famílias e através da exposição foi socializado o que é a realidade da região, as formas de trabalho, a percepção do desenvolvimento dessa agricultura e os impactos ao meio ambiente. Em consequência dos processos relatados, auxiliamos os educandos a reconhecer e valorizar o espaço ao qual pertencem. O campo passou a ser percebido em sua riqueza e complexidade e, mesmo que de forma parcial, puderam compreender o porque da escola ser uma escola do campo.

Essa finalização aconteceu nas duas aulas finais, em cada uma das três turmas, os questionários das entrevistas foram apresentados pelos educandos que também trouxeram alguns dos produtos que suas famílias produzem, os quais foram expostos na sala de aula (FOTO A).



Foto A: educandos do 2º. ano B com os questionários e com os produtos produzidos em suas propriedades.

Fonte: Sonia Maria Carvalho, 2014.

A exposição, a apresentação dos resultados da pesquisa e o diálogo em sala de aula foi registrado por um relator eleito em cada turma. As questões do questionário da pesquisa foram: Qual ou quais produto (os) produz na propriedade e

qual a área dessa propriedade; quem é o(a) agricultor (a) responsável; qual o grau de parentesco com o(a) educando (a); qual local do plantio (qual região do município); qual o tipo de solo; qual o período de plantio e de colheita; produzem com auxílio de maquinários, uso de ferramentas ou de animais; a mão de obra é exclusiva familiar ou familiar e de terceiros; qual a forma de organização da roça; sobre o destino da produção, se é apenas para o consumo ou para o comércio; como é feito o transporte para chegar ao comprador; relatar se esse agricultor tem alguma dificuldade quanto à produção, armazenamento, transporte, com o atravessador, na venda, entre outros; se há festas ou comemorações ligadas à agricultura no seu município; se considera que a agricultura é importante para Tijucas do Sul; se toma providências em relação à diminuição dos impactos ambientais e poluição na propriedade.

A tabulação dos dados obtidos foi realizada com base nas três turmas, contudo, o diálogo, a análise das respostas foi realizada em cada turma separadamente.

A produção nas propriedades das famílias dos educandos mostrou-se bastante diversificada, foram citadas as culturas de milho, feijão, batata, batata salsa, mandioca, abóbora, morango, tomate, soja, cebola, beterraba, inhame, couve, repolho, melancia, pepino, brócolis, alface, rabanete, entre outros. A área das propriedades foram informadas por litros e alqueires. A metragem por litro variou de 10 litros a 40 litros; os alqueires foram de 1 alqueire a 12 alqueires. O que evidencia que as famílias dos educandos são pequenos agricultores familiares.

Sobre o grau de parentesco com o educando (a), do total de 70 entrevistados, tivemos 58 pesquisas realizadas com as próprias famílias, sendo pais, avós, primos, tios e irmãos dos educandos, e, 12 realizadas com algum vizinho ou com alguém conhecido da comunidade na qual os educandos residem.

Um educando do 2º. ano C, observou e disse o seguinte: *“eu não tinha a noção de que se plantava tanto no nosso lugar, claro que estamos num município rural, mas não sabia que todas as nossas famílias plantam alguma coisa, a professora viu que poucos fizeram a pesquisa com algum conhecido ou vizinho, a maioria fez com a família mesmo”*.

O local indicado na pesquisa onde é praticada a agricultura certamente foram as comunidades (bairros) do município que as famílias dos alunos residem, que são: Campestre, Saltinho, Gama, Demanda, Canguera, Lagoa, Lagoinha,

Campina, Morro Vermelho, Colono, Rio de Una, Tabatinga, Fazendinha, Chimbuva e Rio Abaixo.

Sobre o tipo de solo e os períodos de plantio e de colheita, tivemos indicações de que nas propriedades que praticam a agricultura tem o solo arenoso, terra preta e vermelha. Os meses de plantio e de colheita foram variados pela diversidade da produção, ou seja, sempre se planta alguma coisa em todo o ano.

No que se refere ao uso de maquinários, de ferramentas, e da utilização da força de animais para o trabalho na agricultura, 20 entrevistados afirmaram utilizar maquinários, 27 responderam que apenas usam ferramentas, 6 utilizam-se de maquinários e ferramentas. E 17 entrevistados dizem utilizar-se de ferramentas e de animais. Um educando do 2º. ano A, fez a colocação: “[...] em Tijucas do Sul tem muitos agricultores que cultivam uma variedade de produtos, pois hoje existem muita tecnologia e maquinários que ajudam muito o agricultor, sendo assim dá a possibilidade de produzir mais.”

Sobre o emprego da mão de obra familiar ou familiar e de terceiros, a pesquisa demonstrou que 51 dos 70 entrevistados desenvolvem o trabalho na agricultura com o uso da mão de obra familiar e 19 precisam também de terceiros para ajudá-los. No diálogo que se desenvolveu no momento da apresentação desta resposta do questionário, foi mais debatido no 2º. ano C, os educandos observaram que há a “troca de dia de serviço”:

As vezes não achamos mão de obra para ajudar, principalmente no período de colheita, daí trocamos dias de serviço, se um não trabalhar para outro podemos perder a produção. Porque às vezes quando está para colher chove muito, então temos que aproveitar o tempo, se o milho, por exemplo está bom temos que correr para colher. (2º. ano C).

Percebemos que existe cooperação entre os vizinhos no desenvolvimento da agricultura. Os agricultores reconhecem que é difícil achar alguém, que não trabalha na terra, para vir trabalhar por dia quando eles necessitam contratar.

A forma de organização da roça interrogada na pesquisa foi demonstrada pelos agricultores de várias formas, contaram que fazem rotação de cultura para não “cansar” a terra, plantam em fileiras para facilitar o serviço, organizam canteiros, passam fertilizantes antes de plantar, batem o feijão na roça com utilização de vara (ferramenta) e, assim, as palhas tornam-se adubo, plantam milho e depois cebola, reviram a terra com cortadeira e depois só colocam calcário, é feito divisória por quadro e, em cada quadro, planta um tipo de produto, deixam restos da produção na

terra para virar adubo, no verão plantam milho e feijão e no inverno plantam as verduras que resistem a estação, entre outros.

No que se refere ao destino da produção, do total de 70 entrevistados 35 responderam que a produção era apenas para o consumo, 13 para o consumo e comércio, e, 22 apenas para o comércio. As respostas exclusivas para o comércio apareceram na produção do milho e morango. Podemos concluir que essas famílias não utilizam o milho na alimentação, pois é mais comum em Tijucas do Sul a sua utilização como alimentação dos animais. Quanto ao morango, este não é de costume fazer parte da dieta da família.

Na questão sobre o transporte para chegar ao comprador, das respostas que tivemos dos que plantam para o comércio, disseram que saem os produtos da roça na carreta do trator ou na carroça puxada por cavalos até chegar no barracão, daí saem de caminhão ou caminhonete para o CEASA de Curitiba e outros comércios da região.

Na pesquisa foi solicitado que o agricultor relatasse se tinha alguma dificuldade quanto à produção, armazenamento, transporte, com o atravessador, na venda, entre outros, apareceram 41 respostas dizendo que não existe nenhuma dificuldade, porém 29 dos 70 entrevistados disseram ter dificuldades, o agricultor entrevistado pelo educando número 6 do 2º. ano B disse:

Precisava ter mais apoio da Prefeitura Municipal com incentivo a cooperativas ou outros recursos (feiras) para se ter garantia do que planta, pois o atravessador é quem leva a margem maior de lucro, assim desvalorizando o agricultor e chegando muito caro à mesa do consumidor. (Entrevistado do educando nº 6 do 2º. ano B).

Para esta questão tivemos ainda diversas dificuldades relatadas, tais como: o pagamento de fretes, pois o preço é alto; a falta de secador para a produção de milho, o qual facilitaria para conseguir preço melhor para nesse produto; o problema para achar mão de obra de terceiros para ajudar a família; espaço para armazenar a produção; na venda porque os compradores desvalorizam muito o produto; insumos muito caros; as pragas comuns nas terras em Tijucas do sul, que são as lagartas e as formigas que atacam a cultura de verduras; o armazenamento de feijão que os carunchos atacam; o problema quando demora a chover, pois tem que fazer a irrigação; na colheita das verduras, pois se perder um dia passa do ponto; as condições precárias das estradas no município, pois dificulta o transporte dos produtos produzidos; quando a planta não se desenvolve bem dá prejuízo. O

entrevistado do educando número 18 do 2º. ano A, relatou que *“[...] a dificuldade é com a venda, pois os compradores muitas vezes pagam muito pouco, fazendo com que nós produtores não conseguimos pagar todos os gastos que tivemos para produzir, assim dá prejuízo”*.

No que se referia a festas ou comemorações ligadas à agricultura no município, todos os entrevistados disseram que não há, porém, 12 responderam que convidam os amigos para comemorar quando encerram a safra, ou seja, a colheita e a venda. Isto indica apenas uma comemoração particular.

Os entrevistados foram indagados sobre se consideram que a agricultura é importante para Tijucas do Sul, todos responderam que sim e fizeram algumas observações, como: a agricultura ajuda o município crescer, devido aos impostos das notas de venda; ajuda na renda da família; gera empregos diretos e indiretos; desenvolve o comércio do município e dos municípios vizinhos; porque produz o alimento; entre outros. Na observação do educando do 2º. ano A, aparece a importância da agricultura e da educação: *“conhecer a agricultura praticada por nossas famílias é importante, pois conhecendo aprendemos a valorizar, assim podemos relacionar o que aprendemos na escola com nossa realidade, a realidade das famílias dos nossos colegas da escola, como eles trabalham, de onde vem a renda de cada um”*.

Na questão sobre as providências em relação à diminuição dos impactos ambientais e poluição na propriedade, os entrevistados relataram que recolhem as embalagens de veneno para não poluir o solo e as nascentes; não queimam restos de cultura; não exageram no uso de fertilizantes; lavam as bombas com venenos em galões separados; mantêm árvores ao redor da plantação e próximo dos rios. Um educando do 2º. ano C observou: *“[...] pena que ainda muitos agricultores no Brasil e no mundo não tem consciência que a terra e o meio ambiente valem mais que o dinheiro que ganham”*.

4 CONCLUSÃO

A intervenção realizada em sala de aula, desenvolvida pelos diálogos e pela pesquisa de campo, a qual se desenvolveu pelas entrevistas com os agricultores, pertencentes ao quadro familiar dos educandos dos 2º. anos do Ensino Médio do Colégio Estadual do Campo de Lagoa de Tijucas do Sul no Paraná, pretendeu ser

uma expressão de como trabalhar uma realidade escolar, de uma escola do campo, ou melhor, uma tentativa de clarear a percepção dos educandos, das verdades que passam despercebidas, que, por meio do desenvolvimento dialogado dos conteúdos das disciplinas escolares, podem vir a ser instrumentos do conhecimento da realidade desses sujeitos do campo.

Os educandos em vários momentos de suas falas demonstraram que imaginavam que conheciam o meio no qual estavam inseridos, porém perceberam que havia e ainda há muito que conhecer. As atividades desenvolvidas tiveram o seu papel no desenvolvimento do conhecimento, levaram os educandos a compreender as atividades originadas da realidade do campo. Bem como, a perceber e compreender como é importante a produção agrícola, as formas de trabalho, a renda e tudo relacionado à agricultura que auxilia no desenvolvimento do município.

Considera-se que o ensino de Geografia é de suma importância também para a Educação do Campo, por atender as necessidades dos educandos, levando em consideração a realidade em que estão inseridos, trabalhando dialogicamente. Assim, essa disciplina mostra-se um instrumental capaz de auxiliar a compreender a realidade dos sujeitos do campo, produzindo conhecimento geográfico e enriquecendo o aprendizado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.M.A.de; RIGOLIN,T. B. *Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: Ática, 2007

ALMEIDA, L.M.A.de; RIGOLIN,T. B. *Fronteiras da globalização*. São Paulo: Ática, 2010. Vol. 2.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

_____. MEC. *Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo*. Brasília, dez. 2002.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. In: ARROYO, M.G.; CALDART, R.; MOLINA, C. M. (Orgs.). *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Elementos para a construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo. In.: PARANÁ. *Cadernos Temáticos: educação do campo*. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Curitiba: SEED-PR, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

MENDONÇA, M. L. Impactos do monocultivo da cana no Brasil. *Cartilha Comissão Pastoral da Terra (CPT)*. Disponível em: <www.cptnacional.org.br> Acesso em: 25 fev. 2014.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PAGLIA, E. C. *Práticas Pedagógicas em Educação do Campo*. MODULO III, Curitiba: UFPR Litoral, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação do Campo*. Curitiba, 2006.

_____. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica (Geografia)*. Curitiba: Seed/DEB-PR, 2008

_____. PARECER CEE/CEB N.º 1011/10 do Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Aprovado em 06 de outubro de 2010.

_____. Secretaria de Estado da Educação. *Caderno de Expectativas de Aprendizagem*. Curitiba: SEED/DEB-PR, 2012.

_____. Secretaria de Estado da Educação. *Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual do Campo de Lagoa*. Tijucas do Sul: C.E.C. de Lagoa, 2013.

SANTOS, M. *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SOUZA, M. A. de. Práticas Pedagógicas nas Escolas de Assentamento. In: SOUZA, Maria Antônia de. *Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 101-122.

_____. *Educação Do Campo: Políticas, Práticas Pedagógicas e Produção Científica*. Educação & Sociedade, vol. 29, núm. 105, septiembre-diciembre, 2008, pp. 1089-1111. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/873/87313701008.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2012.

VESENTINI, J. W. O método e a práxis (notas polêmicas sobre geografia tradicional e geografia crítica). Terra Livre, n. 2. *O ensino da geografia em questão e outros temas*. São Paulo: marco zero, 1987. Disponível em: <http://www.agb.org.br/files/TL_N2.pdf>. Acesso em: 18 set. 2012

VEIGA, I. P. A. *Projeto Político Pedagógico da escola: uma construção possível*, Campinas: Papirus, 2005.